

NOÉ JITRIK (1928-2022)

Liliana Reales¹

251

Tudo o que se pode escrever sobre aquele que já não está entre os vivos é para quem o escreve e para quem lê o escrito. Não há mensagem póstuma; não há homenagem póstuma. Resta a capacidade ou a vontade que os ainda viventes temos de guardar a memória daquele que já não está. A mensagem almeja dizer o que aquele, que hoje está morto, significou (para mim ou para um nós congregado para este momento). Ele já não me escuta, não sabe nem nunca saberá o que falo ou escrevo sobre ele. Mas eu escuto a sua voz. Cada vez que leio qualquer escrito de Noé Jitrik, escuto a sua voz. Não me acontece o mesmo com todos os meus mortos. Mas a voz de Noé, essa, eu a escuto. Creio que isso nos acontece a muitos dos que o conhecíamos porque Noé foi uma daquelas pessoas luminosas, de inteligência vivaz, inquieta, erudita, mas sempre sóbria, sempre serena, de falar pausado, de palavras pensadas, ditas para congregar, nunca para desagregar e menos para avivar ódios, inclusive se tratando de inimigos. Basta ler as suas colunas no jornal argentino *Página 12* para perceber o seu sábio modo de discordar dos enraivecidos opositores; basta ler os seus artigos e livros acadêmicos para observar o seu modo de enriquecer e renovar o campo de pesquisas do que ainda chamamos Literatura, sempre trabalhada à luz das forças políticas e sociais que determinam suas condições de possibilidade; basta conhecer um

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

pouco de seu modo de dirigir durante longos anos uma vasta, ativa e heterogênea comunidade acadêmica no Instituto de Literatura Hispano-americana da Universidade de Buenos Aires; basta repassar seus indispensáveis trabalhos sobre Sarmiento, Echeverría, Arlt, Borges, Cortázar, Saer – para mencionar apenas alguns – e suas memórias, romances e poemas. E basta conhecer sua coordenação dos doze inovadores volumes da *Historia crítica de la literatura argentina* publicados entre 1999 e 2018, além das revistas por ele fundadas, tal como a *Revista Zama*.

252

Como é possível alguém chegar aos noventa e quatro anos de idade e, quando a morte se anuncia, aqueles que o conhecíamos e fomos seus amigos tenhamos sido tomados pelo espanto e a inaceitável agonia de dias e noites que finalmente triunfaria? É possível ele morrer? É possível que ele esteja morto? Cada vez que relemos Noé Jitrik somos tomados pela gratidão. Não somente pelo imenso e admirável legado teórico, crítico e literário que ajudou a formar gerações em América Latina; que ajudou a descortinar horizontes com um programa latino-americanista autêntico, colaborando a pensar o nosso espaço, esse estar aqui e agora impostergável que nos exige incessantemente este continente desejado e maltratado pelo poder real, o poder econômico. A Noé lhe agradecemos também haver sinalizado um caminho de compromisso que muitas vezes o levou a deixar o conforto da biblioteca e o gabinete e sair à rua, militar, combater, se expor, conviver plenamente com o próximo. Basta lembrar o papel que ele e sua esposa, a escritora Tununa Mercado, tiveram como fundadores do Comitê Argentino de Solidariedade no México, país que os acolheu como exilados depois de sofrerem sucessivas ameaças de morte da criminosa *triple A* (Ação Anticomunista Argentina). Noé entendia que as universidades não deveriam reduzir-se a uma rotina acadêmica disposta a criar instâncias a serviço do poder e seus beneficiários e sim serem espaços de reflexão sobre as relações entre cultura e política. Essa sua convicção e as infatigáveis participações na luta pela democracia, pelos direitos humanos e pela justiça social em diversos âmbitos, espaços e países e durante diferentes momentos históricos forjaram um intelectual admirável e um homem imprescindível.

No dia 26 de outubro passado alguns amigos e colegas de Noé se reuniram em Buenos Aires para recordá-lo. Jorge Monteleone, poeta e

crítico literário muito próximo a ele assim o fez: “Frente a qualquer confusão, frente a qualquer desafio, frente a qualquer incerteza, por trivial que fosse, mirávamos a Noé e sempre havia uma resposta. Nunca era uma resposta taxativa, jamais afirmava algo para criar um vazio de réplica. Ao contrário: responder era consensuar, era afirmar em plural. ‘Pensemos em algo’, dizia ele, ou, então: ‘acabo de ter uma ideia, vejamos o que vocês acham’”. Noé era assim. Nos fazia sentir companheiros; nos fazia sentir participantes necessários a todos. Assim é como se constrói uma autêntica comunidade acadêmica; assim é como se constrói futuro, utopia, alvorada, um novo amanhecer. É por isso que sua voz continua ressoando em seus textos com o mesmo entusiasmo e atualidade com que o escutamos naquele 2017 durante uma de suas visitas à Universidade Federal de Santa Catarina. Testemunho daquela passagem é a entrevista que reproduzimos nesta edição. Tivemos a fortuna de receber Noé várias vezes em nossa universidade, todas por iniciativa do Núcleo Onetti de Estudos Literários Latino-americanos que contou com o apoio do Programa de Pós-graduação em Literatura. Temos a fortuna de um legado de milhares de páginas para continuar escutando sua voz.